

# Estrelas Escolhidas

# Luiz Zerbin

Há uma inversão em curso: o mundo vegetal, que a tradição ocidental relegou ao silêncio, começa a ser reconhecido como interlocutor. Não porque as plantas passaram a falar nos nossos termos, mas porque aprendemos, lentamente, a escutar de outro modo. Essa virada epistemológica atravessa a antropologia, a biologia, a botânica e chega também às artes, onde artistas e pesquisadores começam a tratar a planta não como objeto de representação, mas como parceira de investigação.

Dois pensadores recentes iluminam essa mudança de perspectiva. Em *A vida das plantas*, o filósofo italiano Emanuele Coccia propõe que compreender uma planta é, também, compreender o mundo: ela não habita o ambiente; ela é o ambiente, mistura-se a ele, depende dele e o transforma. Já o escritor e artista britânico James Bridle, em *Maneiras de ser* (2023), estende esse raciocínio ao conjunto do mundo vivo, argumentando que plantas, animais e sistemas naturais vêm revelando formas de inteligência e conhecimento que a modernidade não soube reconhecer – e que epistemologias indígenas, há muito, já cultivavam como saber vivo.

Nesse horizonte, aprender com uma planta torna-se outra coisa: não se trata de traduzir a natureza em conceito, nem de extrair dela um saber já formulado; trata-se de sustentar uma atenção que só se afina no contato, na observação dos tempos, nas respostas que a matéria oferece, no que ela recusa e no que propõe.

É nesse campo que se situa a pesquisa de Luiz Zerbini ao longo dos últimos anos, em colaboração com João Sánchez (Estúdio Baren). Ao fazer da planta a própria matriz da monotipia, o trabalho convoca folhas, cascas, frutos e espinhos a deixarem sua marca diretamente sobre o papel, não como representação, mas como pressão, rastro de encontro. Das monotipias emergiu uma floresta singular: densa, variada, viva na superfície do papel. “Por mim, eu passaria o mundo todo pela prensa”, disse o artista.

A exposição, com curadoria de Ana Roman e Luiza Mello, apresenta um recorte de cerca de dez anos dessa investigação. O ponto de partida remonta ao livro *Minhas impressões* (2016), desdobrando-se em outras publicações, entre elas *Monstera Deliciosa Pândanus Coccothrianax Crinita Útilis Cabeluda Mucuna* (2019) e um livro sobre etnobotânica ainda em desenvolvimento. Ao longo desse percurso, a monotipia se consolidou como campo expandido, atravessando suportes e modos de apresentação.

Em *Estrelas escolhidas*, as monotipias se organizam como partes de um jardim em expansão, onde papel, planta e paisagem deixam de se distinguir claramente. A presença de pinturas derivadas desse mesmo processo torna visível a continuidade entre meios e gestos, revelando a dimensão experimental que sustenta o trabalho como um todo. O que emerge dessas superfícies está para além da imagem: é o registro de uma inteligência outra, silenciosa em palavras, eloquente na matéria.

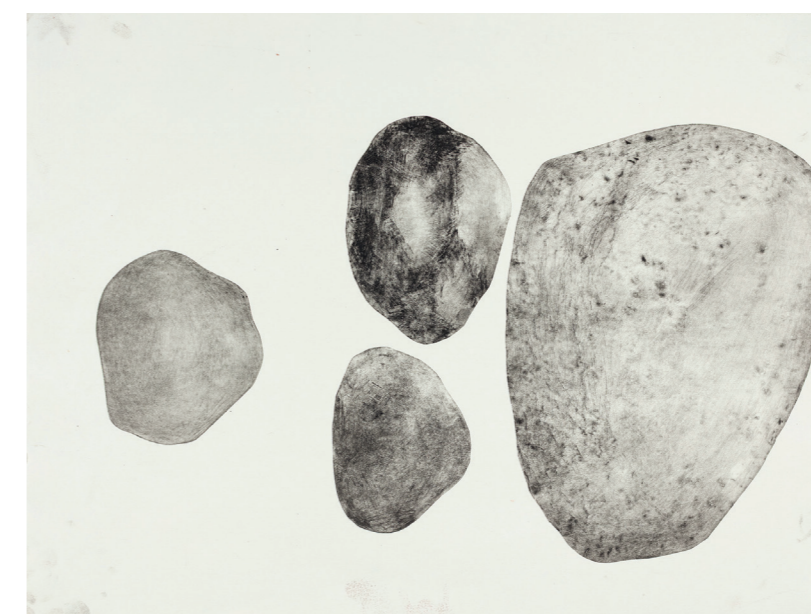
Desde sua fundação, o Instituto Tomie Ohtake construiu uma trajetória marcada pelo compromisso com a arte contemporânea, não apenas como espaço de exibição, mas como lugar de pesquisa, produção de conhecimento e abertura às práticas que ampliam o que a arte pode ser e dizer. Acolher *Estrelas escolhidas* é, para o Instituto, um gesto coerente com essa história: reconhecer que há formas de investigação artística que operam fora dos limites disciplinares convencionais, que encontram no mundo vivo uma fonte legítima e urgente de saber. Num momento em que a relação entre humanos e outros-que-humanos se torna uma das questões centrais do nosso tempo, o Instituto afirma sua vocação para ser o espaço onde essas perguntas encontram forma.

Agradecemos ao Ministério da Cultura que, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), viabilizou a exposição *Estrelas escolhidas*. A mostra é uma realização do Instituto Tomie Ohtake e conta com o apoio de seu mantenedor institucional, o Nubank, e com o patrocínio da Motiva, por meio do Instituto Motiva, e do Aché Laboratórios Farmacêuticos, na cota Prata.

#### Instituto Tomie Ohtake

As mesas concebidas para a exposição ampliam essa dimensão processual e reorganizam elementos recorrentes na prática do artista. Em *Ribeirão preto* (2026), o movimento do mar é sugerido por impressões com padrões de ondas, combinados a galhos e folhas. O conjunto evoca tanto as praias brasileiras quanto os jardins zen, onde pedras e desenhos na areia configuram paisagens simbólicas. A água, elemento recorrente na mostra, reaparece em um grande tecido pintado com tinta metálica reflexiva e em uma série recente de monotipias, em diálogo com a tradição da gravura japonesa Ukiyo-e, as chamadas “imagens do mundo flutuante”.

A Mesa livro apresenta as publicações *Minhas impressões* (2016) e *Monstera Deliciosa Pândanus Coccothrianax Crinita Útilis Cabeluda Mucuna* (2019), além de experiências em pedra litográfica e matrizes, plantas e impressões do projeto em andamento sobre etnobotânica, realizado em parceria com o antropólogo Pedro Luz. Já a instalação *Varal* (2026) organiza um novo panorama a partir de impressões em materiais como seda e papéis diversos, matrizes de troncos, entre outros. Ao aproximar processos, referências do universo do artista e obras finalizadas, as mesas tornam visível seu percurso e, ao mesmo tempo, afirmam-se como instalações autônomas.



*Estrelas escolhidas* reúne dez anos da produção gráfica de Luiz Zerbini e evidencia a centralidade dessa pesquisa em sua poética. A instalação de um ateliê de gravura com o Estúdio Baren em frente ao ateliê de pintura consolidou um cotidiano de trocas intensas, e a proximidade entre os dois espaços intensificou o diálogo entre gravura e pintura. Para a montagem da exposição, o artista revisitou sua coleção pessoal, reunindo muitas obras vistas juntas pela primeira vez, num processo de reencontro com a própria trajetória, no qual memórias e escolhas se entrelaçaram.

O título da mostra remete aos “destaques botânicos” apresentados ao artista como estrelas no decorrer da pesquisa: plantas escolhidas por sua beleza, raridade ou estranheza. Para Zerbini, elas são fontes inesgotáveis de conhecimento, não apenas visual, mas também tátil, relacional e espiritual. Reunidas na exposição, essas impressões formam uma constelação vegetal, um território de contemplação e aprendizado no qual cada imagem concentra uma experiência particular de aproximação com o mundo vivo. Cada folha impressa é um registro de contato: prova de que dois corpos se encontraram, de que algo foi transmitido, de que a distância entre o humano e a planta pode, por um instante, desaparecer. Há nisso também uma forma de cuidado, uma atenção ao que está vivo e que se renova a cada impressão, a cada camada, a cada encontro entre o artista e a planta que ele já conhece pelo espinho, pela casca e pelo volume interior.

## Constelações vegetais

Ana Roman, Luiza Mello  
Curadoras

Luiz Zerbini iniciou sua atividade artística nos anos 1970 e frequentou, desde muito jovem, praias da costa brasileira e aulas de pintura. A formação de seu olhar está ligada diretamente à experiência da paisagem. Nascido em São Paulo, encontrou no Rio de Janeiro um ambiente que se tornou decisivo em sua trajetória. Durante anos, o ateliê, situado nas proximidades do Jardim Botânico, prolongava-se no convívio cotidiano com as espécies. A observação constante produziu uma familiaridade que se aprofundou com o tempo. Mais tarde, ao mudar de endereço, o artista construiu um jardim próprio, reunindo plantas que pinta e imprime, aproximando ainda mais o espaço de trabalho do contato com o mundo vegetal.

O botânico Stefano Mancuso<sup>1</sup> afirma que a representação das plantas requer observação e desenho. Segundo ele, nunca aprenderemos como é uma planta olhando para uma fotografia ou tentando deduzir seus princípios a partir de uma percepção simples; é preciso desenhá-la para identificar, empiricamente, as regras que a governam. Luiz se dedica a esse exercício há décadas, o que lhe trouxe uma percepção que vai além da contemplação. Segundo o artista, “quando eu vou pintar uma bromélia, eu sei como ela é, sei onde está o espinho. A casca da banana: eu conheço aquele volume, sei como é a estrutura por dentro, toda cheia de furinhos com ar. É como se fosse uma experiência de entendimento do mundo, da composição molecular das coisas...”. Existe uma conexão profunda do artista com a matéria, uma dimensão ao mesmo tempo sensorial e espiritual: o que está em jogo não é representar a natureza, mas criar modos de estar com ela, de se mover em seu ritmo, de perceber aquilo que normalmente escapa.<sup>2</sup>

Zerbini desenvolve uma prática que transita pela pintura e por diferentes linguagens, como escultura, instalação, som, escrita e vídeo. É nesse movimento que a monotipia aparece como um novo território de pesquisa. A gravura, antes percebida como um campo de difícil aproximação, transforma-se a partir do encontro com João Sánchez. O rigor técnico do gravador, aliado a uma certa ingenuidade do artista diante dos procedimentos, abriu uma frente experimental de criação. Nela, a composição se resolve no momento da impressão, sem projeto prévio, no encontro entre tinta, papel e matéria orgânica. Não há controle total do processo; o improviso conduz o fazer, e é justamente isso que interessa ao artista. O ateliê torna-se um laboratório onde o erro é bem-vindo – aprende-se, com ele, a seguir novos caminhos.

Ao longo dos anos, a pesquisa se expandiu em múltiplas direções com o uso de seda, feltro, pedra litográfica e papéis diversos, do kozo japonês à casca de árvore, além de matrizes não convencionais, como lâminas de madeira, telas e máscaras recortadas. Essas buscas levaram à colaboração com a marca Joules & Joules na produção de tintas próprias a partir de pigmentos puros, resultando em uma paleta mais densa e saturada do que a produzida industrialmente. Em 2023, surgem as primeiras colagens de monotipias sobre tela, cujos desdobramentos pictóricos são apresentados em *Estrelas escolhidas*.

Nas monotipias, a imagem nasce do contato. A pressão exercida pela prensa sobre o papel transforma o volume da planta em plano e sua presença física em vestígio, registrando a memória desse encontro. A planta deixa sua marca, impõe sua forma, revela nervuras, texturas e densidades que só se tornam visíveis quando há toque e pressão. Imprimir plantas é uma forma de se conectar com elas e de revelar detalhes que muitas vezes escapam ao olhar comum. Nesse processo, a planta não é apenas modelo: é, em certa medida, colaboradora, de modo que sua presença define as possibilidades da imagem. Esses trabalhos também podem ser compreendidos como paisagens, superfícies nas quais o mundo vegetal se refaz em camadas, dando continuidade a um dos temas centrais da pintura de Luiz Zerbini.

1 MANCUSO, Stefano. *A revolução das plantas: Um novo modelo para o futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

2 A prática de Zerbini dialoga com um debate crescente na arte contemporânea sobre a relação entre criação artística e preocupação ecológica. Em *The Artist as Ecologist: Contemporary Art and the Environment* (2026), Filipa Ramos examina como artistas contemporâneos têm desenvolvido práticas situadas na fronteira entre arte e ecologia, propondo formas de atenção e convívio com o mundo vivo que desafiam as lógicas convencionais de exibição e autoria.



# Conversa com João Sánchez

Ana Roman, Luiza Mello

ANA ROMAN,  
LUIZA MELLO

JOÃO SÁNCHEZ

**P1** Para começar, gostaríamos de retomar seu percurso de forma mais ampla: como esse trajeto levou você ao encontro do Luiz Zerbiní?

Eu me formei em gravura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, logo depois, fui morar em Madri. Lá, tive contato com uma estrutura de ateliês de edição gráfica muito forte, em que o impressor trabalha diretamente com os artistas, algo que não é tão comum no Brasil.

Trabalhei em dois ateliês importantes e fiquei lá por quatro anos. Depois, voltei ao Rio de Janeiro, em 2011, e abri um ateliê no Rio Comprido. Um dos primeiros editores com quem trabalhei foi o Leonel Kaz, com quem já havia feito um livro de artista do Waltercio Caldas.

Em 2015, o Leonel me propôs uma pesquisa voltada ao desenvolvimento de diferentes formas de impressão de plantas. Fiz vários experimentos, usando técnicas como água-tinta, fotogravura, gravura em metal e monotipia. Ele levou esses testes para o Luiz Zerbiní, que naquele momento buscava formas de reproduzir folhas, inclusive em resina. Os resultados foram convincentes, e foi assim que começamos a trabalhar juntos. Mais recentemente, no fim de 2022, o Estúdio Baren passou a se dedicar quase integralmente ao trabalho com o Luiz, incorporando ateliê, maquinário e estrutura, o que também transformou a escala e a continuidade da pesquisa.

A.R.  
L.M.

**P2** Pensando nesse início e também neste momento mais recente de intensificação da parceria, nos interessa entender a organização desse trabalho como um processo contínuo de experimentação. O que caracteriza essa pesquisa ao longo do tempo e de que maneira certos procedimentos vão sendo retomados e transformados?

Desde o começo, foi um processo muito experimental. Muitas coisas que fazemos hoje já estavam presentes naquele momento inicial, de forma ainda embrionária.

Com o tempo, a pesquisa foi se desdobrando. Em 2023, por exemplo, quando começamos a trabalhar no ateliê da Gávea, retomamos a pesquisa sobre madeiras, dando continuidade a trabalhos anteriores. Passamos a usar lâminas de madeira coladas sobre chapas de aço, criando módulos que podem ser reorganizados.

Essas lâminas são entintadas como gravura em côncavo: a tinta entra nas concavidades das fibras e produz uma imagem muito fiel à madeira. A partir disso, começamos a descobrir diferentes texturas, algumas que lembram troncos e galhos.

Ao mesmo tempo, fomos incorporando outros elementos, como fundos gravados com jato de areia, criando padrões de ondas que funcionam como uma espécie de água-tinta. Aos poucos, esses elementos passaram a operar juntos.

A.R.  
L.M.

**P3** Você poderia descrever com mais detalhes como funciona o processo de impressão, especialmente a monotipia, e como essas diferentes camadas técnicas se articulam?

A monotipia parte de uma superfície entintada, o papel umedecido e a planta entre eles. Na primeira impressão, a planta funciona como máscara. Depois, ela pode ser entintada e reutilizada como matriz. Mas o processo não se limita a isso: vamos combinando diferentes procedimentos. Pode ter uma base entintada, seguida por uma matriz de madeira e, depois, uma sobreposição com borrifador ou pincel.

No caso mais recente das pedras, por exemplo, primeiro imprimimos os elementos – madeira, folhas, objetos – sobre um fundo borrifado. Em seguida, fazemos uma segunda impressão com tinta mais diluída, aplicada como uma velatura com pincel largo. E, em alguns casos, acrescentamos uma terceira matriz, marcada com riscos que produzem efeitos como chuva. Assim, a imagem é construída em camadas sucessivas.

A.R.  
L.M.

**P4** Ao longo desse processo, a pesquisa parece se expandir também para outros dispositivos de construção de imagem, como retículas, máscaras e figuras. Como esses elementos entram no trabalho?

Isso acontece em paralelo. Em 2023, começamos a trabalhar com retículas produzidas por telas e até por materiais simples, como papel de embalar. Aos poucos, essas retículas passaram a ser combinadas com outros elementos, como madeira e plantas, e depois também com máscaras recortadas em papel e EVA, criando formas de corpo humano, braços e mãos. Isso levou a trabalhos como a série que mistura essas figuras com retículas e plantas. Esses elementos vão sendo incorporados como mais uma camada dentro do processo.

A.R.  
L.M.

**P5** Um ponto importante é a pesquisa com tinta, que parece redefinir o trabalho. Como ela se desenvolve e quais são as suas implicações práticas?

A pesquisa com tinta surgiu inicialmente de uma limitação no acesso a materiais e se desenvolveu, sobretudo, a partir de 2023, com a parceria da Joules & Joules, uma marca de tinta a óleo artesanal brasileira. Passamos a produzir nossas próprias tintas a partir de pigmentos puros, ajustando a proporção de óleo para cada pigmento. O óleo de linhaça também é preparado de forma específica, mais espesso do que aquele normalmente usado na pintura. Isso nos permitiu criar uma paleta ampla, com muitas cores e combinações, e trabalhar com tintas muito mais pigmentadas do que as industriais. Ao mesmo tempo, passamos a ter mais controle sobre a mistura e sobre o comportamento da tinta em cada técnica.



A.R.  
L.M.

**P6** E como essas tintas se articulam com os diferentes procedimentos técnicos que você descreveu?

Cada tinta é pensada de acordo com o seu uso: algumas precisam ser mais espessas, outras, mais fluidas. Como o trabalho mistura técnicas de gravura em relevo, côncavo e monotipia, a tinta precisa responder a todas elas. Então, não existe uma única solução, mas várias.

A.R.  
L.M.

**P7** Em paralelo a essa intensificação da cor, vocês também desenvolvem trabalhos sem tinta. Como isso se configura?

Nessas monotipias, a imagem é formada apenas pelo relevo e pela seiva da planta. O papel é umedecido, e a pressão da prensa faz com que a seiva seja liberada e penetre nele. Isso cria uma imagem muito precisa, sem o uso de tinta, só com a própria matéria da planta.

A.R.  
L.M.

**P8** Há também uma dimensão importante na relação com a litografia e a transferência de imagem. Como essa pesquisa se desenvolve?

A gente começou a tentar transferir imagens de monotipia para a pedra litográfica. Descobrimos que o EVA funciona como um intermediário, quase como uma blanqueta, permitindo transferir a imagem sem muita perda. A partir disso, conseguimos levar essas imagens para a pedra, que depois é trabalhada pelo processo tradicional da litografia, baseado na repulsão entre água e gordura. Mais recentemente, fragmentos de pedra impressos com monotipia deixaram de ser apenas matrizes e passaram a ser as próprias obras.

A.R.  
L.M.

**P9** Pensando na dinâmica de trabalho, como esse processo se organiza no tempo?

É um processo contínuo. A gente vai anotando ideias, testando e acumulando experimentos. Tem momentos de produção e outros de desenvolvimento técnico. Também há o imprevisto: materiais que aparecem, plantas, objetos. Tudo isso entra no processo.

A.R.  
L.M.

**P10** Por fim, considerando esse percurso longo e bastante acumulativo, como você entende hoje esse encontro com o Luiz Zerbiní?

Foi fundamental. O meu trabalho sempre esteve voltado para esse tipo de colaboração. O Luiz é muito aberto à experimentação, ao imprevisto, e tem uma escuta muito grande. Ele sempre vê nos erros um novo caminho para algo que não foi previsto. Alguns desses erros, anos depois, encontram um lugar e se convertem no início de um novo trabalho. É um processo bastante dinâmico. Com o tempo, fui entendendo melhor a linguagem dele e conseguindo traduzir isso para a gravura. Essa parceria permitiu desenvolver uma pesquisa contínua ao longo de muitos anos, e a exposição *Estrelas escolhidas* é um resultado disso.



1



2



3



4



## Mulungu

*Erythrina mulungu* Mart. ex Benth.

Pedro Luz



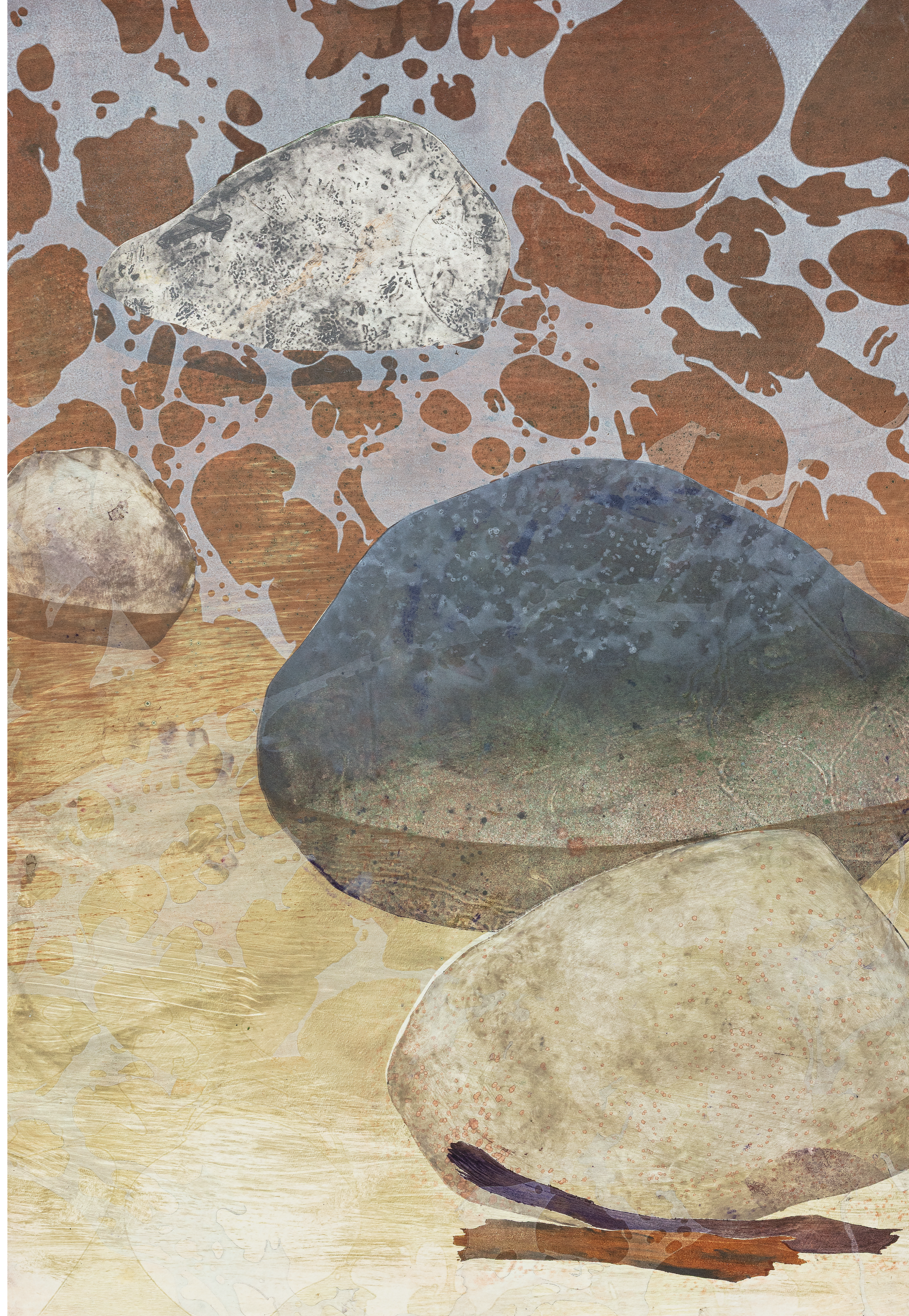
<b>Sinônimo</b>	<i>Erythrina dominguezii</i> Hassl.	<b>Nomes vernaculares</b>	Amansa-senhor, árvore-de-coral, eritrina, canivete, capa-homem, mulungu, bico-de-papagaio, corticeira, suína, suína-suinã, suinã-tiricero, tiricero, bucaré, mussungu, mulungu-da-flor-vermelha, sapatinho-de-jeudeu, mulungu-coral.
<b>Forma de vida</b>	Árborea.	<b>Uso medicinal</b>	Utilizada como calmante, ansiolítico e no combate ao estresse, depressão, ataques de pânico, transtornos compulsivos, insônia, agitação e crises histéricas. No Brasil, <i>Erythrina mulungu</i> Mart. ex Benth. tem uso medicinal como narcótico, na forma de preparação galênica de sua casca, como substituto do ópio.
<b>Descrição sumária da espécie</b>	Árvore de 10 a 15 metros de altura, tronco tortuoso, casca espessa, acinzentada e fendida longitudinalmente, ramos cilíndricos, frequentemente providos de acúleos curtos e recurvados. Folhas alternas, compostas, trifolioladas, folíolos ovados a elípticos, com 7 a 15 centímetros de comprimento, ápice acuminado, base arredondada ou levemente cordada, margens inteiras, superfície glabra ou ligeiramente pubescente. Inflorescências em pseudorracemos terminais, densos. Flores vistosas, zigomorfas, com cálice campanulado, avermelhado, truncado ou obliquamente cortado na extremidade, corola papilionada, intensamente vermelha e alaranjada, com estandarte longo e recurvado. Fruto do tipo legume, linear, deiscente, com até 20 centímetros de comprimento, contendo de 2 a 6 sementes ovoides, vermelho-alaranjadas, lisas.	<b>Etnobotânica</b>	Em Cruz das Almas, Bahia, o infuso das sementes tem valia como ansiolítico e contra asma, bronquite e hepatite. No Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva (Lulão), em Santa Cruz Cabrália, Bahia, a casca e as folhas, maceradas em álcool, tratam ansiedade. Idosos de comunidade rural em Carnaíba do Sertão, Bahia, lançam mão de chá da casca para fazer dormir e de infusão a frio da entrecasca para derrame. No Mercado Municipal do Guamá, Belém do Pará, vende-se a casca dessa planta para tratar insônia. Também os Xakriabá usam a casca dessa espécie em infuso no combate à insônia.
<b>Área de ocorrência</b>	Espécie nativa do Sudeste e do Centro-Oeste, ocorrendo nos estados do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.		

<b>História cultural</b>	Várias espécies desse gênero são consideradas mágicas, sagradas e divinatórias, tendo uso xamânico e psicoativo tradicional, fazendo parte da farmacopeia indígena, com várias indicações terapêuticas. <i>Erythrina americana</i> era conhecida pelos Maia e mencionada em vários textos sagrados desse povo, que a invocavam em fórmulas destinadas a curar vítimas de possessão. Até hoje, xamãs Yucatec-Maia usam essa espécie em ritos de cura e adivinhação. Os Asteca associavam essa planta ao sacrifício humano, possivelmente administrando-a às vítimas rituais para sedá-las. Na Argentina, <i>Erythrina falcata</i> é utilizada no preparo de um tipo de rapé psicoativo. <i>Erythrina flabelliformis</i> tem emprego no xamanismo Tarahumara, que lhe atribui a capacidade de provocar sonhos eróticos. Na Amazônia, lança-se mão de <i>Erythrina fusca</i> como aditivo da ayahuasca, o mesmo ocorrendo com <i>Erythrina glauca</i> , cujo extrato das raízes produz efeitos narcóticos. Acrescenta-se também <i>Erythrina poeppigiana</i> à ayahuasca com o intuito de imprimir uma qualidade própria desta à experiência visionária. Na Venezuela, as cinzas de várias espécies de <i>Erythrina</i> são misturadas ao tabaco para deixá-lo mais forte. Devotos do hinduísmo associam <i>Erythrina indica</i> , considerada uma das árvores celestiais, ao Amrita, o elixir da imortalidade, o que sugere seu uso para alterar a consciência.	<b>Química e farmacologia</b>	Espécies nesse gênero botânico ( <i>Erythrina</i> ) contém alcaloides, como a erysodina, erysopina, erysothiopina, erysothiovina, erytrane, erysovina, erybidina e outros, caracterizados como neurotóxicos e psicodislépticos, alguns, de efeito curarizante, induzindo a paralisia muscular. Seus princípios ativos têm ação afrodisíaca, hipnótica, narcótica, sedativa, levemente inebriante, ansiolítica e calmante.
--------------------------	---	-------------------------------	---

# Lista de obras na exposição

2016	001	Agave polvo	Óleo sobre papel de algodão
	002	Areca	Óleo sobre papel de algodão
	003	Bananeira	Óleo sobre papel de algodão
	004	Brumadinho	Óleo sobre papel de algodão
	005	Cica 2	Óleo sobre papel de algodão
	006	Flor imperial 2	Óleo sobre papel de algodão
	007	Flor imperial 3	Óleo sobre papel de algodão
	008	Flor imperial rosa	Óleo sobre papel de algodão
	009	Hortelã	Óleo sobre papel de algodão
	010	Macaúba branca	Óleo sobre papel de algodão
	011	Monstera Deliciosa Leaf	Óleo sobre papel de algodão
	012	Monstera invertida	Óleo sobre papel de algodão
	013	Palmas	Óleo sobre papel de algodão
	014	Pau-brasil	Óleo sobre papel de algodão
	015	Relevo	Óleo sobre papel de algodão
	016	Relevo de bananeira 1	Óleo sobre papel de algodão
	017	Relevo de bananeira 2	Óleo sobre papel de algodão
	018	Tamboril 3	Óleo sobre papel de algodão
	019	Trepadeira	Óleo sobre papel de algodão
2017	020	Cais 3	Óleo sobre papel de algodão
	021	Caryota verde	Óleo sobre papel de algodão
	022	Folha de banana	Óleo sobre papel de algodão
	023	Macunaima 8	Óleo sobre papel de algodão
	024	Macunaima 9	Óleo sobre papel de algodão
	025	Macunaima 13	Óleo sobre papel de algodão
	026	Macunaima 16	Óleo sobre papel de algodão
	027	Macunaima 34	Óleo sobre papel de algodão
	028	Natureza inventada	Óleo sobre papel de algodão
	029	Xaxim branco	Óleo sobre papel de algodão
2018	030	Flor do mato	Óleo sobre papel de algodão
2019	031	Metamorfose 2	Óleo sobre papel artesanal de fibras
	032	Metamorfose 8	Óleo sobre papel artesanal de fibras
	033	Piaçava cabelo marrom	Óleo sobre papel kozo
	034	Semente preta	Óleo sobre papel kozo
	035	Xapiri	Óleo sobre papel de algodão
2020	036	Esmeralda	Óleo sobre papel de algodão
	037	Espada prateada	Óleo sobre papel de algodão
	038	Poeira colorida	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	039	Prelo 1	Óleo sobre papel kozo
	040	Prelo 2	Óleo sobre papel kozo
	041	Prelo 3	Óleo sobre papel kozo
	042	Raio de amor	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	043	Semente vermelha	Óleo sobre papel kozo
	044	Semente voadora	Óleo sobre papel kozo
	045	Xamã 1	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	046	Xamã 2	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
2021	047	Aquário	Óleo sobre papel de algodão
	048	Folha rara	Óleo sobre papel de algodão
	049	Grafite	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	050	Jenipapo	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	051	Mamão preto	Óleo sobre papel kozo
	052	Pássaro de fogo	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	053	Rosa dos ventos	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	054	Voz da floresta	Óleo sobre papel de algodão
	055	Xamã 4	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	056	Xangai 1	Óleo sobre papel kozo
	057	Xangai 2	Óleo sobre papel kozo
	058	Xangai 4	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
2022	059	Arco-íris de Adão	Óleo sobre papel kozo
	060	Bicho-folha	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	061	Crisântemo preto	Óleo sobre papel kozo
	062	Flor branca	Óleo sobre papel de algodão
	063	Folha amarela	Óleo sobre papel kozo
	064	Folha preta e azul	Óleo sobre papel kozo
	065	Fúcsia	Óleo sobre papel kozo
	066	Hibisco branco	Óleo sobre papel kozo
	067	Hibisco rosa	Óleo sobre papel kozo
	068	Híbrida	Óleo sobre papel kozo
	069	Issey Miyake	Óleo sobre papel de algodão
	070	Issey Miyake 2	Óleo sobre papel de algodão
	071	Issey Miyake 3	Óleo sobre papel de algodão
	072	Issey Miyake 4	Óleo sobre papel de algodão
	073	Issey Miyake 5	Óleo sobre papel de algodão
	074	Issey Miyake 6	Óleo sobre papel de algodão
	075	Issey Miyake 7	Óleo sobre papel de algodão
	076	Issey Miyake 8	Óleo sobre papel de algodão
	077	Issey Miyake 9	Óleo sobre papel de algodão
	078	Issey Miyake 10	Óleo sobre papel de algodão
	079	Issey Miyake 11	Óleo sobre papel de algodão
	080	Leque prata	Óleo, acrílica, pastel seco e grafite sobre tela
	081	Lírio-d'água	Óleo sobre papel kozo
	082	Lírio multicolor	Óleo sobre papel kozo
	083	Lírio preto	Óleo sobre papel kozo
	084	Luiz Zerbiní	Óleo sobre papel kozo
	085	Natureza fantástica	Óleo sobre papel de algodão
	086	Orelha do mato	Óleo sobre papel de algodão
	087	Raio amarelo	Óleo sobre papel kozo
	088	Raio de luz	Óleo sobre papel kozo
	089	Raio de sol	Óleo sobre papel de algodão
	090	Samambaia branca	Óleo sobre papel de algodão
	091	Submersa 2	Óleo sobre papel de algodão
	092	Xamã 3	Óleo e acrílica sobre papel de algodão

2023	093	Abriço de macaco 1	Óleo sobre papel de algodão
	094	Abriço de macaco 3	Óleo sobre papel de algodão
	095	Abriço de macaco 9	Óleo sobre papel de algodão
	096	Abriço de macaco 10	Óleo sobre papel de algodão
	097	Arco-íris 4	Óleo sobre papel de algodão
	098	Arco-íris 5	Óleo sobre papel de algodão
	099	Árvore azul	Óleo sobre papel de algodão
	100	Banho noturno	Óleo sobre papel de algodão
	101	Burle Marx 1	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	102	Burle Marx 2	Óleo sobre papel de algodão
	103	Burle Marx 3	Óleo sobre papel de algodão
	104	Burle Marx 4	Óleo sobre papel de algodão
	105	Burle Marx 5	Óleo sobre papel de algodão
	106	Burle Marx 6	Óleo sobre papel de algodão
	107	Burle Marx 7	Óleo sobre papel de algodão
	108	Burle Marx 8	Óleo sobre papel de algodão
	109	Burle Marx 9	Óleo sobre papel de algodão
	110	Burle Marx 10	Óleo sobre papel de algodão
	111	Burle Marx 11	Óleo sobre papel de algodão
	112	Burle Marx 14	Óleo sobre papel de algodão
	113	Burle Marx 29	Óleo sobre papel de algodão
	114	Burle Marx 30	Óleo sobre papel de algodão
	115	Chuva	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	116	Eu sou um mosquito	Óleo sobre papel de algodão
	117	Floresta 2	Óleo sobre papel de algodão
	118	Floresta vermelha	Óleo sobre papel de algodão
	119	Folha dourada	Óleo sobre papel de algodão
	120	Folha dourada 2	Óleo sobre papel de algodão
	121	Folha dourada 3	Óleo sobre papel de algodão
	122	Janela 1	Óleo sobre papel de algodão
	123	Janela 5	Óleo sobre papel de algodão
	124	Janela 6	Óleo sobre papel de algodão
	125	Janela 7	Óleo sobre papel de algodão
	126	Janela 8	Óleo sobre papel de algodão
	127	Janela 9	Óleo sobre papel de algodão
	128	Janela 10	Óleo sobre papel de algodão
	129	Janela 11	Óleo sobre papel de algodão
	130	Janela colorida	Óleo sobre papel de algodão
	131	Janela do artista	Óleo sobre papel de algodão
	132	Minha mão esquerda	Óleo sobre papel de algodão
	133	O fantasma da floresta	Óleo sobre papel de algodão
	134	Pau do meio	Óleo sobre papel de algodão
	135	Primavera	Óleo sobre papel de algodão
	136	Sopro do mato	Óleo sobre papel kozo
	137	Veludo-vermelho	Óleo sobre papel de algodão
2024	138	Céu laranja	Óleo sobre papel de algodão
	139	Céu verde	Óleo sobre papel de algodão
	140	Céu vermelho	Óleo sobre papel de algodão
	141	Luz lilás	Óleo e acrílica sobre seda
	142	Mamão	Óleo sobre papel de algodão
	143	Seda e feltro	Óleo sobre feltro e seda
	144	Sobra da seda 1	Óleo sobre papel de algodão
	145	Sobra da seda 2	Óleo sobre papel de algodão
	146	Sobra da seda 3	Óleo sobre papel de algodão
	147	Sobra da seda 4	Óleo sobre papel de algodão
	148	Sobra da seda 5	Óleo sobre papel de algodão
	149	Sobra da seda 6	Óleo sobre papel de algodão
	150	Sobra da seda 7	Óleo sobre papel de algodão
2025	151	Bambu 1	Óleo sobre papel de algodão
	152	Bambu 3	Óleo sobre papel de algodão
	153	Bambu 8	Óleo sobre papel de algodão
	154	Bambu 9	Óleo sobre papel de algodão
	155	Bambu 10	Óleo sobre papel de algodão
	156	Bambu-gigante	Óleo sobre papel de algodão
	157	Calibre grosso	Óleo sobre papel de algodão
	158	Cannabis 1	Óleo sobre papel de algodão
	159	Cannabis 2	Óleo sobre papel de algodão
	160	Cannabis vermelha	Óleo sobre papel de algodão
	161	Casca amarela	Óleo sobre papel de algodão
	162	Coroa do mato 2	Óleo sobre papel de algodão
	163	Coroa do mato 3	Óleo sobre papel de algodão
	164	Coroa do mato 4	Óleo sobre papel de algodão
	165	Coroa do mato 5	Óleo sobre papel de algodão
	166	Coroa do mato preto	Óleo e acrílica sobre papel de algodão
	167	Flashlight	Óleo sobre papel de algodão
	168	Fóssil 1	Pedra litográfica gravada
	169	Fóssil 2	Pedra litográfica gravada
	170	Fóssil 4	Pedra litográfica gravada
	171	Fóssil 5	Pedra litográfica gravada
	172	Fóssil 6	Pedra litográfica gravada
	173	Fóssil 7	Pedra litográfica gravada
	174	Fóssil 8	Pedra litográfica gravada
	175	Fóssil 9	Pedra litográfica gravada
	176	Monotipia em seda	Óleo sobre seda
	178	Pau-mulato e bambu	Óleo sobre papel de algodão
	179	Tatu	Óleo sobre papel de algodão
	180	Vento sul	Óleo sobre papel de algodão e acrílica sobre madeira
2026	181	Bambu com garrafa	Óleo sobre papel de algodão
	182	Banho de lua 1	Óleo sobre papel de algodão
	183	Banho de lua 2	Óleo sobre papel de algodão
	184	Embaúbas 1	Óleo, acrílica, pastel seco e grafite sobre tela
	185	Embaúbas 2	Óleo e acrílica sobre tela
	186	Embaúbas 3	Óleo, acrílica, pastel seco e grafite sobre tela
	187	Flora 1	Óleo, acrílica, pastel seco e grafite sobre tela
	188	Flora 2	Óleo, acrílica, pastel seco e grafite sobre tela
	189	Flora 3	Óleo, acrílica, pastel seco e grafite sobre tela
	190	Garrafinha	Óleo sobre papel de algodão
	191	Mesa livro	Instalação com estrutura de madeira e objetos variados
	192	Mundo flutuante	Tinta acrílica e massa acrílica sobre voal, matrizes e folhas secas
	193	Noite clara 9	Monotipia sobre papel de algodão e acrílica sobre madeira
	194	Pedra branca	Óleo sobre papel de algodão
	195	Pedra com rede de pesca	Óleo sobre papel de algodão
	196	Pedra da batata	Óleo sobre papel de algodão
	197	Pedra da chuva	Óleo sobre papel de algodão
	198	Pedra da ressaca	Óleo sobre papel de algodão
	199	Pedra das tartarugas	Óleo sobre papel de algodão
	200	Pedra do coral	Óleo sobre papel de algodão
	201	Pedra do mar de cima	Óleo sobre papel de algodão
	202	Pedra do xixi	Óleo sobre papel de algodão
	203	Pedras pretas	Óleo sobre papel de algodão
	204	Ribeirão preto	Monotípias, óleo sobre papel de algodão, vidro jateado, madeira e folhas secas
	205	Varal	Instalação com monotípias, impressões sobre seda, estrutura de madeira, telas e folhas secas



## OLHOU

Chegou o

Caderno-ensaio 5: CÉU, nova publicação do Tomie.

JÁ

PRO CEU

COM

ATENÇÃO?

No Caderno-ensaio 5: Céu, você lê sobre astros, estrelas, poética e políticas dos céus.

Disponível na loja virtual e no Instituto Tomie Ohtake.

LUIZ ZERBINI  
ESTRELAS ESCOLHIDAS

Realização  
Instituto Tomie Ohtake

Curadoria  
Ana Roman  
Luiza Mello

Produção  
Ana Laura e Silva  
André Luiz Bella  
Carolina Pasinato  
Clara Alves Machado  
Rodolfo Borbel Pitarello  
Tamara da Silva Pereira  
Victor Ferraz

Coordenação de Montagem  
Rodolfo Borbel Pitarello

Projeto Expográfico  
Ligia Zilbersztein  
Rian Tito

Design Gráfico  
Catê Bloise  
Pedro Lemme  
Tie Ito  
Vitor Cesar

Ateliê Luiz Zerbini  
Ana Luiza Fonseca  
Arthur Moura  
Juliana Wähler  
Filipe Martins  
Ruan D'Ornellas

Estúdio Baren  
João Sánchez  
Gpeto

Revisão  
Divina Prado  
Isabela Maia  
Camila Góes

Tradução  
Camila Góes

Acessibilidade  
Cristina Kenne  
Janela Produtora

Montagem  
Projeta Produções  
Culturais  
Rafael Filipe  
Heber Kusano  
Louiz Alamino  
Renato Santos

Museologia  
Angela Freitas  
Angélica Pimenta  
Dulcinéia Paz  
Fernanda Santiago  
Priscilla Moret  
Sandra Sautter  
Veronica Cavalcanti

Molduras  
SOMAR Produção em  
Arte e Design

Iluminação  
Âmbar Iluminação -  
Marcos Franja

Seguro  
Howden Brasil

Agradecimentos  
Alexandre Quinet e  
Geralda Januário

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail [instituto@institutotomieohtake.org.br](mailto:instituto@institutotomieohtake.org.br).

## JORNAL

Coordenação  
Instituto Tomie Ohtake

Textos  
Ana Roman  
João Sánchez  
Luiz Zerbini  
Luiza Mello  
Pedro Luz

Projeto Gráfico  
Catê Bloise  
Pedro Lemme  
Tie Ito  
Vitor Cesar

Revisão  
Divina Prado  
Isabela Maia  
Camila Góes

Fotos  
Pat Kilgore

Impressão  
Ipsis Gráfica e Editora

ISBN  
978-65-89342-80-9

MANTENEDOR INSTITUCIONAL

PATROCÍNIO



COTA PRATA

COTA APOIO

ACESSO TOMIE



Fortes D'Aloia &amp; Gabriel



USIMINAS



Intimus

APOIO DE MÍDIA

REALIZAÇÃO

ARTIBRASILEIROS

JCDecaux

Cult

revista piauí

25 INSTITUTO TOMIEOHTAKE

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO